

MARCOS ANTONIO FILGUEIRA

TIBÉRIO BURLAMAQUI

PÉROLAS DISPERSAS

Coleção Mossoroense

Série B – N. 572

1988

MARCOS ANTONIO FILGUEIRA

TIBÉRIO BURLAMAQUI

PÉROLAS DISPERSAS

Coleção Mossoroense

Série B – N. 572

1988

SUMÁRIO

Apresentação | 4

Introdução | 6

Origens Genealógicas de Tibério Burlamaqui | 9

Tibério Burlamaqui – Pérolas Dispersas | 16

A Poesia Social de Tibério Burlamaqui | 27

Referência Bibliográfica | 55



Tibério Cesar Conrado Burlamaqui

Oeiras (Piauí), 1869– Mossoró,(RN), 1932

APRESENTAÇÃO

Com o presente trabalho, dou continuidade ao resgate da memória poética do meu avô Tibério Cesar Conrado Burlamaqui. O belo texto que escolhi para introdução, de autoria do poeta martinense, Cosme Lemos, foi lido na Amplificadora Mossoroense em 18 de maio de 1939. Encontrei-o entre os papéis de meu pai, Nestor Burlamaqui, junto a documentos e recortes do jornal “O Mossoroense”, com poesias do meu avô.

A origem genealógica do poeta já havia sido trazida a lume por mim, de forma parcial, em **Esboço Genealógico da Família César Burlamaqui**, publicada pela Coleção Mossoroense. Agora, complemento-a, aprofundando a linhagem patrilinear italiana.

Quando o saudoso prof. Vingt-un Rosado, ladeado pelos valorosos confrades Benedito Vasconcelos Mendes, Raimundo Soares de Brito e Paulo Medeiros Gastão, teve a idéia de fundar a Academia Mossoroense de Letras – AMOL, convidou-me para ser um dos membros fundadores e incontinentemente sugeri que o patrono da minha cadeira deveria ser Tibério. Logo depois da instalação daquela entidade, em 25 de setembro de 1988, no tempo exíguo de um mês, fiz a defesa do patrono, que anexo a

este trabalho. Era a pressa vingtaneana. Dei-lhe o título de **Pérolas Dispersas**, insinuado pelo texto de Cosme Lemos e que intitula também a presente nova edição.

O capítulo intitulado **A Poesia Social de Tibério Burlamaqui** foi originalmente apresentado, como palestra, no I Ciclo de Conferências da AMOL, promovido no ano de 1991, depois publicada pela Coleção Mossoroense.

Acredito que assim, enfeixando os elementos de minha pesquisa em um só trabalho, e procurando dar uma melhor feição gráfica aos mesmos, cumpro o dever de descendente, no merecido registro dos aspectos poéticos desse meu antepassado.

Marcos Filgueira

PREFÁCIO¹

Na página de um “Mossoroense” esmaecido pelo tempo embalei, hoje, o espírito, no ritmo tranqüilo e doce dos versos de Tibério. E enquanto evolava-se a figura risonha de Tália, traçada aos meus olhos pela imaginação que aqueles versos humorísticos me inspiraram, eu perguntava a mim mesmo, porque mãos artísticas não procuraram juntar, até hoje, as ricas pérolas que Tibério Burlamaqui foi tão pródigo em criá-las e perde-las no caminho da vida.

Tibério, para mim, foi um grande e inspirado poeta. Seus versos possuem a espontaneidade das fontes perenes e a alegria policrômica das flores do prado. É que a poesia não quer dizer letras, desconhece graus de cultura, despreza a sapiência filológica, para somente amar e bendizer o belo e criar a beleza em toda parte, até mesmo no que é horrível e monstruoso. A poesia é a árvore esbelta e frondosa no seio dos campos sem as cicatrizes da tesoura do jardineiro, livre da tirania apertada dos jardins. É o roseiral trescalante da inteligência alimentada pela seiva do coração que é o sentimento.

Ser poeta é saber cantar sem saber ler, ou melhor dizendo, é saber ler no livro aberto da natureza sem o auxílio e

proteção dos sinais alfabéticos. Foi pensando assim, talvez, que o primoroso Anatole France sempre afirmou elegante e corajosamente que jamais sacrificaria a beleza de um período, às exigências das regras gramaticais.

Ninguém melhor do que Tibério soube aquilatar os dons e os encantos da natureza. É que ele era um simples e um bom. Seu coração transbordava ternura e parece que ia buscar a alegria das cascatas para fazer a música dos seus versos. E no entanto, a dor e o sofrimento foram seus companheiros prediletos. Parece até que o seu humorismo criador foi roubado aos deuses, como o fogo sagrado do Olimpo e, como Prometeu ele foi mártir da ira e da vingança de Júpiter.

Por isso mesmo Tibério foi mais poeta do que os outros, e o sorriso da sua poesia, tem um perfume de flor orvalhada de martírio. Auta de Souza, dobrada de tristeza, trememente de cansaço, exausta de sofrer – chorava. Sua lira era um gemido suave de juriti perdida na mata. Era um suspiro de quem pede trégua como Jesus no Horto; era um balbuciar de prece pedindo fim para seu martírio. Augusto dos Anjos nas grades do sofrimento revoltava-se. Seus versos têm o clarão da tempestade que sacudia a sua alma. Era o rugir do gênio lutando contra os

tentáculos da matéria; gritos de cólera, labaredas vulcânicas aplacadas aqui e ali por respingos benéficos de sentimentalismo.

Tibério, nas garras da paralisia, saturado de dor, coração sangrando pelos espinhos – cantava.

Entre as alcantiladas serras de Martins e de Portalegre, no fundo do vale onde outrora foi um pequeno campo de cultura agrícola ergue-se ali, pequena e esburacada, uma tapera em abandono. Do alto das serras, de muito longe ainda, o viajante divisa aquela múmia de barro, cujas ruínas as árvores seculares parecem respeitar. Causa tristeza vê-la. Entretanto quem dela se aproxima sente o milagre da transformação. É que a casinha está cantando.

Cada telha que lhe resta é um ninho que se balança, cada ninho é um coro alegre de passarinhos. Em cada estaca sobe uma parasita, cada brecha reponta uma flor. A tapera é um tesouro imenso de música e perfume. Tibério, no ocaso da sua vida era assim como a casinha do vale. O corpo alquebrado de sofrimento, o espírito perenemente a cantar e o perfume a rescender da sua grande bondade.

¹Este texto foi lido na Amplificadora Mossoroense em 18 de maio de 1939

Cosme Lemos

ORIGENS GENEALÓGICAS DE TIBÉRIO BURLAMAQUI

A família Burlamaqui é de origem italiana. Mais precisamente teve início no Castelo de Avano, na cidade de Pisa. Aproximadamente no ano de 1200 passaram para Lucca, que hoje é considerada como berço da família.

Nessa cidade, situada nas proximidades de Florença, na Toscana, gozaram de prestígio desde sua chegada, destacando-se como donos de Torres, o que indicava riqueza, nobreza e respeito. Uma dessas Torres encontrava-se na residência chamada “Casa Grande”, localizada na antiga Rua São Paulino, depois conhecida como Rua Burlamacchi, no centro da cidade.

Exerceram inúmeras vezes os cargos de Magistratura Suprema e de Ancião (Consul), na cidade de Lucca, sendo incluídos no Livro de Ouro das Famílias Nobres, no ano de 1628.

De acordo com o *Centro di Ricerche Storico Araldiche e Genealogiche*, de Florença, o sobrenome teria surgido da junção dos termos BURLA e MACCOS. O primeiro termo com o significado de zombar, gracejar, rir, etc., e MACCOS, referindo-

se a uma conhecida personagem das comédias populares da idade média, que representava o homem vicioso, o comilão e bebedor, sempre envolvido em aventuras pouco recomendáveis. Burlamacco significaria então o zombador dos viciosos, comilões e bebedores. Posteriormente transmutou-se em Burlamacchi, Burlamaqui e Bourlamacque.

Sem contradizer completamente essa interpretação etimológica, Francesco Domenico Guerrazzi, diz que o primeiro desta estirpe foi **Buglione Ansenesi**, que trocou o sobrenome para Burlamacchi. Buglione foi casado com Elisabetta Piccolomini, de uma família que deu à Igreja os Papas Pius II (Enea Silvio Piccolomini) e Pius III (Francesco Piccolomini). Partindo desse casal chegaremos ao poeta Tibério Cesar Conrado Burlamaqui, passando por vinte gerações patrilineares, sem quebra de varonia, pressupondo, doutrinariamente, pelo *jus sanguinis*, uma forte ligação étnica com a Itália.

Buglione gerou **Baldinetto** que gerou **Pietro** que gerou **Collucio**, mencionado no *Archivio di Stato di Lucca*, em documento de 30 de setembro de 1358, referente a um processo de venda realizado por Pello, seu descendente:

*(...)Pelloro, ossia Pello, del fu **Coluccio Burlamacchi** vende per lire 377 ad Aluiso del fu Giovanni di Iacopo Boccella la rendita perpetua di staia 51 di grano e miglio, corrisposta dagli eredi di Como del fu Nucco "Guarini"(...)*

Não se conhece a esposa de Coluccio, mas sabe-se que foi pai de **Gerio** Burlamacchi casado com Niesa di Giovanni Boccella, e destes foi filho **Pietro** Burlamacchi casado com Cristina Lazzari, pais de **Gherardo** Burlamacchi.

No *Archivio di Stato di Lucca* com data de 25 de agosto 1382, documenta-se a existência de Arrigo filho de Gerio, e também de Pietro filho de Gherardo:

*Arrigo del fu **Gerio Burlamacchi**, procuratore del minorene Pietro, figlio di Gherardo del fu Pietro di Gerio Burlamacchi e della monna Mugiatta, figlia del fu Michele di Nicolao Busdraghi,*

Gherardo foi casado com Angela Busdraghi e geraram a **Michele** Burlamacchi casado com Catarina Racondi, estes, pais de **Pietro** Burlamacchi, marido de Angela Bernardini.

Novamente os arquivos comerciais italianos atestam a existência desses antigos ascendentes de Tibério.No já citado *Archivio di Stato di Lucca*, de 27 de junho 1475 , registra-se:

*Giovanni e **Piero** fratelli, figli del fu **Michele Burlamacchi**, comprano per ducati 142 d'oro da Michele e Pantaleone fratelli, figli del fu Giovanni "Arrigi", di Lucca, i diritti che essi hanno sul suddetto potere venduto quali creditori di Adriano Burlamacchi,*

As esposas são chamadas para aprovar a transação mencionada:

Monna Costanza, figlia di Giovanni Trenta e moglie di Giovanni del fu Michele Burlamacchi, e monna Angela, figlia del fu Paolino dei Bernardini e moglie di Pietro del fu Michele Burlamacchi, approvano e ratificano la suddetta vendita del potere a Iacopo di Benedetto de Nobili da Dallo.

Do casamento de Pietro Burlamacchi com Angela Bernardini nasce outro **Gherardo** que foi por seis vezes, *Anziano* (cônsul) de Lucca. Seu sobrinho, Francesco Burlamacchi, foi um importante herói italiano, por ter pago com

a vida, a tentativa de unificar, sob um mesmo governo, as regiões da Toscana, Umbria e Romagna, sendo considerado como o primeiro mártir da unificação italiana.

Em Lucca, na Piazza San Michelle, por trás da Catedral, há uma estátua de Francesco com os seguintes dizeres:

FRANCESCO BURLAMACCHI patrizio e mercatante lucchese che il generoso pensiero di vendicare in libero stato e ordinare a reggimento comune Toscana, Umbria e Romagna principio a costituir la nazione. Glorificò col martirio il XIV di febbraio MDXLVIII. La toscana libera decretava al XXIII di settembre MDCCCLIX primo dell'italiano risorgimento.

Os descendentes de Francesco foram obrigados a emigrarem para a França e depois Suíça, onde nasceu seu neto, o jurista e escritor Jean-Jacques Burlamacque, autor do celebre trabalho *Principes du Droit Naturel* que juntamente com outras obras suas , exerceu forte influência no pensamento jurídico e político em toda Europa.

Voltando a Gherardo, verificamos que do seu casamento com Zabetta Franchi, nasceu **Vicenzo**, que gerou **Pompeo**, que

gerou **Carlo** que gerou **Arrigo**, que foi *Gonfaloniere di Giustizia del principato di Lucca* em 1673, casado na família Orsetti. E foi pai de **Ippolito** Burlamacchi casado com Virginia Orsetti. Há notícias sobre Ippolito nos já citados *Archivio di Lucca* no período que vai de 1667 a 1733. Primeiro noticia-se suas núpcias:

*"...apollo festante nelle felicissime nozze degl' illustrissimi signori **Ippolito** Burlamacchi e Virginia Orsetti, Lucca 1677"*

Depois sobre objetos domésticos e outras coisas:

*"Appunti di cose domestiche di **Ippolito** Burlamacchi, conti, segreti, note di oggetti ed altro: con date confuse e con alcune giunte posteriori d'altri della casa."*

Seu irmão, Padre Guglielmo Burlamacchi, narra o caso de uma promessa feita por Ippolito pela cura de uma enfermidade, quando se encontrava em Paris. Diz o padre:

*"... Il Signore **Ippolito** Burlamacchi, Cavaliere Lucchese, trovandosi in Parigi ammalato gravemente per lo spazio de sei mesi, si ridusse a tale stato que gli fu dato l'Olio Santo, essendosi raccomandato alla Madre di Dio verso questa sua S. Immagine con far voto se ricuperava la sanità, di presentarle un quadro d'argento in testimonio della sua divozione, vide in breve gli effetti de sua fiducia: poichè avendo riacquistate le forze proseguì il suo viaggio in Inghilterra e in Olanda. Ritornato poi alla Patria sciolse il suo voto in questa Cappela."*

Ippolito e Virginia foram os pais do Cavaleiro de Malta, **Pompeo** Burlamacchi, nascido em 1686, que se casou com Catarina Conti. Um filho desse matrimônio recebeu também o nome de **Ippolito** tendo nascido em 1724, em Lucca. São desconhecidas as razões que o levaram à Portugal, onde casou a 26 maio de 1757, na Freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa com Mathilde (Matilde) Valentina Pedegache Brandão, batizada em 08 março de 1738 na mesma Lisboa. Valentina era filha do francês Jean Baptiste Pedegache, natural de Bayone. Foram os

pais daquele que será o patriarca dessa família no Brasil: **Carlos Cesar Francisco Burlamaqui** (aportuguesa-se o sobrenome).

Carlos Cesar nasceu em 1775 na Freguesia de Nossa Senhora do Loreto, Lisboa, e a exemplo de outros filhos de italianos, deve ter sido batizado na Igreja de Nossa Senhora do Loreto. A devoção a Nossa Senhora do Loreto foi trazida para Portugal pelos mercadores Venezianos e Genoveses, que se instalaram na região em inícios do século XIII, daí que a Igreja seja conhecida, até hoje, por Igreja dos “Italianos”. Os que são batizados na Igreja do Loreto são considerados italianos, pois a Igreja esta sob o jugo direto de Roma.

Carlos Cesar governou a Província do Piauí de 21/01/1806 a 20/10/1810, e depois, por nomeação de 24/10/1820, foi governador da Província de Sergipe dEl Rei. Casou com Maria Benedita Castelo Branco (2º Esposa) em Oeiras-Piaui. Foram os pais de **Tibério** Cesar Burlamaqui que nasceu em 1810 em Oeiras (Piauí) e faleceu em 24 setembro de 1863.

Tibério, primeiro desse prenome que se multiplicará nas gerações subseqüentes, cegou aos 16 anos o que não o impediu de exercer o jornalismo, o comércio e a liderança política. Foi chefe do Partido Liberal e redator do jornal O Echo Liberal, de

Oeiras. Casou com a pernambucana Raimunda César de Mello, nascida em 1819 e falecida em 23 novembro de 1860. Desses foi filho, dando sequência à linhagem patrilínea, **Fontenelle Cesar Burlamaqui** que era estudante em Recife durante a Guerra do Paraguai, quando ofereceu-se ao alistamento de voluntários. Casou-se com Lidia (Lydia) da Silva Conrado e desses é que nascerá o poeta **Tibério Cesar Conrado Burlamaqui**, objeto do presente trabalho.

Tibério Cesar Conrado Burlamaqui nasceu em Oeiras, Piauí, aos 06 de novembro de 1869. Em documento datado de 1899 lê-se em certo ponto:

“aos vinte e cinco de dezembro de mil oitocentos e setenta nesta Matriz de Nossa Senhora das Victorias de Oeiras baptizei solemnemente Tibério, branco, nascido a seis de novembro do ano passado, filho do Tenente Fontinelle Cezar Burlamaqui e de Dona Lídia da Silva Conrado Burlamaqui, foram seus padrinhos o Coronel Coriolano Cezar Burlamaqui e Dona Raimunda Ferreira do Nascimento e Silva do que para constar (...).”

Foi presidente da intendência do município de Areia Branca de 1º de janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1901, Casou em primeiras núpcias com Cecília de Souza Filgueira e em segundas núpcias com Luiza de Sousa Filgueira. Do primeiro matrimônio nasceram: Edgar Filgueira Burlamaqui e Ester Filgueira Burlamaqui. Do segundo gerou a Nair Filgueira Burlamaqui, Raimunda Filgueira Burlamaqui, Luiza Filgueira Burlamaqui e a Nestor Filgueira Burlamaqui, nascido em 06 de setembro de 1909 e falecido a 22 de março de 1979. Nestor foi funcionário público municipal. Foi casado com Iris Ferreira da Silva, nascida em 13 de março de 1918 e falecida a 13 de abril de 1972, filha de Manoel Pedro Varela e Maria Ferreira da Costa, pais de:

Marcos Antonio Filgueira que escreve estas anotações, professor aposentado da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, casado com Maria Goretti Medeiros Silva e pai de Nestor Medeiros Filgueira Burlamaqui, com graduação em Comunicação Social, Mestrando em Ciências Sociais (UFRN); Aquiles Medeiros Filgueira Burlamaqui, com graduação em Ciências da Computação, mestrado em Sistemas e Computação e Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde é professor; Penélope Medeiros Filgueira

Burlamaqui, com graduação em Administração de Empresas, funcionária do Colégio Pequeno Príncipe e Tétis Medeiros Filgueira Burlamaqui, com graduação em Comunicação Social, contratada pela ESMARN, responsável pela cobertura jornalística daquela instituição, neste ano de 2011.

TIBÉRIO BURLAMAQUI – PÉROLAS DISPERSAS

Discurso de posse na Academia Mossoroense de Letras, cadeira nº 14, Patrono: Tibério César Conrado Burlamaqui

Senhor Presidente da AMOL

Caros Confrades,

Com certeza, a escolha do patrono pelo acadêmico, além de referir-se aos requisitos fixados pelo regulamento da casa, também se faz pela similitude intelectual entre ambos. Em tudo que li e ouvi sobre o escolhido sempre encontrei, a par de sua capacidade poética, a marca da simplicidade. Como seu descendente, herdei com certeza essa virtude, mas, não o pendor literário. Contento-me em afirmar com Jorge Luis Borges: alegra-me mais o que tenho lido do que a obra que possa vir a escrever. Na simplicidade, então, o nosso ponto comum, na leitura dos seus versos, o meu prazer.

O patrono da cadeira nº 13 desta casa, Tibério César Conrado Burlamaqui, não possuía formação superior e de acordo com sua filha, Nair Burlamaqui Rosado, não havia sequer concluído o curso primário, sentindo por vezes dificuldades com a grafia de algumas palavras. Não lhe foi isso porem

obstáculo a abundante produção literária que continuamente realizou no “O Mossoroense”.

Como tantos outros, foi um mossoroense por adoção. Um dos muitos que se apaixonando por esta terra maravilhosa, contribuíram com o dom de que eram aquinhoados, para o engrandecimento da cidade.

Nasceu em Oeiras, Pi aos 06 de novembro de 1869, filho de Fontenelle César Burlamaqui e de Lídia da Silva Conrado. Transferiu-se de sua terra natal inicialmente para o Recife, e em 1892 chegou a Areia Branca, sempre como auxiliar da casa de comércio “Alexandre de Souza Nogueira”.Naquela cidade, onde foi presidente da Intendência no período de 1899 a 1901, casou-se em primeiras núpcias com Cecília de Souza Filgueira, e por morte desta, consorciou-se com Luiza de Souza Filgueira, ambas filhas de Trajano Filgueira de Melo, membro da tradicional família Camboa.

De sua experiência administrativa naquela cidade conheço um único registro feito por Luis Fausto de Medeiros no livro “Minhas Memórias de Areia Branca”.Em sessão extraordinária, no dia 13 de julho de 1901, sob a presidência de Tibério Burlamaqui, a intendência do município de Areia Branca discutiu a lei nº 639 de 19 de julho de 1901 que elevava

Grossos à categoria de vila do Termo de Aracati. Tibério considerou a lei inconstitucional e qualificou-a de esbulho. Era a famosa questão de limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará.

Alem disso, o “O Mossoroense” de 20.04.1903, registra sua participação em uma comissão, composta também por Dr. Almeida Castro, Rodolfo Fernandes, Antonio Soarres e Miguel Evangelista, que representavam os operários de salinas, na tentativa de solver os problemas nessa área de atividade.

Mudando-se para Mossoró em 1904, estabeleceu-se no bairro Paredões, hoje quase centro da cidade, naquela época, esconso subúrbio. Dali, preso a uma cadeira de rodas, qual prometeu acorrentado, participou com sua poesia, da vida intelectual da cidade.

Ao “O Mossoroense”, órgão que viu nascer em sua segunda fase e do qual participou desde o segundo número, dedicou a maior parte de sua vida, ao lado de João da Escossia.

Foi sempre figura de vanguarda em todo acontecimento que dissesse respeito ao bairro onde vivia, apesar da paralisia de que era acometido. Tibério, com seu espírito sempre alegre, organizava clubes recreativos, blocos de carnaval, onde

colaborava com sua participação positiva para maior festividade dos acontecimentos.

Possuía, contudo, caráter arredo, compreensível se atentarmos para todo o sofrimento que a cada passo encontrou na vida. Sorveu, porem, as taças amargas do infortúnio, transmutando o pranto em canto, as vezes dolente.

Quer no seu Rimando, de rimas alegres, ou nos versos alexandrinos de coisas sérias, tocantes, usando os pseudônimos de Novais, Maurício d’Herval, Genuíno Silva e por vezes assinando seu próprio nome, foi com maestria que durante 30 anos cantou o cotidiano de Mossoró e de sua dor.

Toda poesia, todo poema, resulta da harmonia combinatória de três níveis superpostos de realidade: o essencial, o semântico e o fático. Noutras palavras, a razão de ser do poema, o nível do dizer do poema e o fático, onde a poesia pode se tornar um agente de humanização do homem.

A poesia de Tibério destaca-se, sobretudo, pelo último item.

É quase desconhecida sua contribuição. Já em 1939, Cosme Lemos perguntava em texto lido em amplificadora, que então substituía os modernos meios de comunicação em Mossoró – “... porque mãos artísticas não procuraram juntar as

ricas pérolas de poesia que Tibério Burlamaqui foi tão pródigo em criar e perder no caminho da vida”. A pouco surgiram essas mãos. Vingt-un Rosado, soldado indormido na batalha pela cultura oestana, através do Dicionário de “O Mossoroense” e Raimundo de Soares de Brito, sistematizador da nossa história regional, no seu livro ainda inédito – Tibério e o Cotidiano de Mossoró, resgatam para a posteridade, a poesia do Príncipe dos poetas mossoroenses.

Vasta e vária, podendo-se explora-las nas direções mais diferentes, não intentaria nesse instante abordar sua poesia em todas as suas vertentes. Convido-vos, porem, caros confrades, a embalar o espírito “no ritmo tranqüilo e doce dos seus versos”, como melhor defesa e julgamento de sua vida literária, pois creio ser o melhor elogio que a ele se possa fazer, e única maneira de conhecer-lhe a alma.

Ao acaso, pincemos algumas de suas pérolas dispersas. No soneto “Sonhos ao Mar”, o poeta se refere aos sonhos da juventude que se foram com o infortúnio e que muito tem de universal na alma humana.

*Águas do mar de irrequietas vagas
Do azul do céu, da cor dos arrebóis;*

Que geram terras, que circundam fragas

Puras e limpas como são os sóis

Águas do mar eternamente em pragas

Quebras, gemendo estrídulos bemóis

Águas criadoras, dos corais, das algas

Peixes e pérolas, branqueais lençóis

Águas que sofrem como nós mortais

Magoas internas pelos temporais

Tristes quebrando pelas penedias

Águas que rolam e atroadoras lutam

Águas que os ais deste meu peito escutam

Guardai meus sonhos dos primeiros dias

Em Areia Branca, morava a “A beira mar” e com esse título constrói primoroso soneto onde exprime sua dor, comparando sua vida as tormentas do mar:

“Acho no mar um doçuroso encanto”

*Ela me disse quando o sol morria,
E longe o velho mar o dorso erguia,
A rugir, a rugir causando espanto*

“Meu coração que tem sofrido tanto

*Meu coração que vive em agonia
Gosta dessa tristeza e nostalgia
Sente-se bem, aqui neste recanto”*

Dizem que a vida é como o mar, não creio

*O mar que daqui vejo sem receio
Muitas vezes descansa em calmaria*

Só minha vida procelosa e triste

*É mar onde a ventura nunca existe,
É mar que há de matar-me qualquer dia*

Em vários de seus sonetos Tibério deixa transparecer clara preocupação ecológica como em “Ante um machado” que derrubava uma carnaubeira secular. Ele dizia:

*Impiedoso machado que trabalha
No vetusto d'um tronco rijo e forte
D'uma palmeira secular do Norte
Porque teu gume vil corta e a retalha*

*Quem lindas palmas tem, quem sombra espalha
Quem dá bons frutos, porque sofre a morte?
E a cera que se extrai em cada corte
De muitos centos, de tão útil palha?*

*Do braço forte que te eleva a prumo
Desviar eu pudesse agora o rumo
Que fonte de riqueza então salvava!*

*Cegueira humana! Corta-se num dia
Alta, pomposa, secular esguia,
Régia palmeira que proveitos dava*

Através dos seus Rimandos, fazia Tibério a crônica em versos da cidade. São rimas diferentes dos versos acima lembrados. Referem-se a uma festa de aniversário, sobre os loucos que existiam em Mossoró, sobre os melhoramentos para a cidade, como a colocação de lampiões, sobre o carnaval, o

antinevrálgico Rosado, as seca etc, sempre assinando como NOVAIS. Assim o poeta descreve essa seção do jornal “O Mossoroense”:

*Esta seção do Rimando
É minha e de ninguém mais
As vezes sai incensando
Outras, cortando os mortais*

E mais adiante concluí:

*Com certeza muita gente
Corta a pele do NOVAIS
Mas ele se faz demente
E corta a casaca dos mais*

Sobre a questão dos limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, anteriormente citada, um exemplo do seu Rimando:

*Eu sempre tive uns palpites
Que da jurema ao Tibau
Na tal questão de limites
Tão “pau” por causa dum pau*

*Os terrenos eram nossos
Como de fato hoje são
E os “grossos” mesmos de Grossos
Nos tratariam de irmãos*

*Por isso o primo Mendonça
- Um refinado tratante-
Montou-se num porco onça
E eu num porco elefante.*

Ao não cumprimento de promessas de açudagem no local Saco, outro exemplo da poesia de Tibério a favor de Mossoró:

*Segundo reza a doutrina
Que me ensinou minha avó
Quando o tempo é de inverno
E é mui grande a trovoada
A chuva é fina, neblina
Vai-se em vento e vira em pó*

*Assim foi que sucedeu
Com o açude do sacco
Que o governo prometeu
Ao povo que tem o fraco
De acreditar em judeu
Não eu...Novais*

Assim era Tibério, cuja versatilidade poética só é bem aquilatada quando se conhece toda a sua obra. Ora humorístico, ora em elucubrações bem sérias. Compare-se, por exemplo, a leveza de “Proeza de Cupido” com “Alma e Carne”:

No primeiro soneto o poeta retrata o namorado que tenta aprender a fazer rendas e bordados com sua amada, porem sem êxito.

*Ri o moço porem atrapalhado
Vai machucando as rendas e o bordado
Num doce enlevo, sem sentir demoras*

*“Era só que faltava” a moça grita
“Quebrou a agulha, amarrotou a fita
E três pontos não deu em duas horas”*

Já em “Alma e Carne”, o poeta mostra preocupação bem séria, onde parte da quase descrença, para a fé na imortalidade da alma:

*Quando contemplo a sordidez dum verme
No baixo chão, nas cousas deletérias,
Das cloacas, dos monturos, das misérias
Da carne humana putrefata, inerme*

*Sinto um frio mortal pela epiderme
E ante o evoluir e força das matérias,
Creio e descreio em deduções bem sérias
Tremo com medo que meu corpo enferme*

*Penso depois, talvez com fundamento,
Que dentro de mim mesmo alguém labuta,
Contra o invol’cro carnal e entendimento*

*É minha alma, senhor, alma impoluta
Que um dia ascenderá ao firmamento
Livre da terra e da matéria bruta*

Sobre Tibério, a opinião de Cosme Lemos:

“Tibério, para mim, foi um grande e inspirado poeta – seus versos possuíam a espontaneidade das fontes perenes e a alegria policrômica das flores do prado. É que a poesia não quer dizer letras, desconhece graus de cultura, despreza a sapiência filosófica, para somente amar e bendizer o belo e criar a beleza em toda parte, até mesmo no que é horrível e monstruoso. Ninguém melhor do que Tibério soube aquilatar os dons e encantos da natureza. É que ele era um simples e um bom”.

O confrade Raimundo Nonato, em Roteiros da Zona Oeste, aplicou a Tibério, as palavras de Ronald de Carvalho sobre o poeta negro Cruz e Souza: *“Esse plagiador de Deus tinha em casa um dicionário e sua alma”*.O suficiente.

Agora, caros confrades, nesta amostragem ligeira da imensa produção literária de Tibério, vejam os últimos versos de quem cantou quase até a morte. Quando já sentia que esta lhe rondava a existência e a ausência dos amigos estava bem próxima, dedicou a Mossoró seu último soneto:

*Aos trancos e barrancos na partida,
Nos caminhos incertos da existência
Por alguns fui tratado com clemência
Por outros de maneira aborrecida*

*Mas aqui encontrei compadecida
Gente estranha, leal, de consciência
De justo proceder, cuja influência
Foi um bem que me guiava pela vida*

*Meu Deus! Com que tristeza me defino!
Como pagar a dívida que devo
Se sou tão obscuro e pequenino?*

*Mostrar eu bem queria a gratidão
Que sinto como flor de alto relevo
Cultivada por mim no coração*

Poucos dias depois de ter escrito esse soneto, morreu Tibério. A data é 10 de abril de 1932. O jornal “O Mossoroense” noticia: “As primeiras horas da madrugada do último domingo, quando já circulava pela cidade esta folha, foi que tivemos a

lancinante notícia do falecimento de nosso antigo e dedicado companheiro de lutas, Tibério César Conrado Burlamaqui”.

Calou-se Tibério e esteve mudo até a noite de hoje quando novamente se ouviram seus versos.

Dignifica esta casa, como patrono, um homem cuja melhor biografia são seus sonetos, cujo espírito teimou sempre em buscar o infinito, apesar de acorrentado, pelo infortúnio e pela miséria em que viveu.

Muito obrigado!

Marcos Antonio Filgueira

A POESIA SOCIAL DE TIBÉRIO BURLAMAQUI

I

Do período que vai de meados do Sec. XIX a princípios do Sec. XX, Mossoró passou por grandes modificações sociais, mercê das transformações econômicas que teve de suportar. Situada privilegiadamente, como ensina José Alves Felipe, “na área de transição entre a economia do litoral e a economia do sertão” do Rio Grande do Norte, experimentou, esta cidade, a partir de 1857, violento surto de progresso, transformando-a na praça comercial de maior importância da região. O dinamismo trazido por esse novo “status”, mudou profundamente a vida na urbe oestana, agitando-a com problemas de população, comércio e idéias de desenvolvimento. A pesquisa nos velhos jornais – O Nordeste, O Comércio de Mossoró e o O Mossoroense – assim o atestam. Este último, fundado em 1872, por Jeremias da Rocha Nogueira, sofreu solução de continuidade, deixando de ser publicado em fins de 1875, voltando a circular em 1902, sob a direção de João da Escóssia Nogueira, tendo a partir de 1904, o concurso de um dos seus mais assíduos colaboradores – o poeta Tibério Burlamaqui.

Tibério Cesar Conrado Burlamaqui, de família abastada, originada em Oeiras, Piauí com o militar e político português Carlos Cesar Burlamaqui, deixou sua terra natal, fixando-se inicialmente em Recife, talvez atraído por parentes, pois por lá estabeleceu-se, ao que parece, o seu tio-avô Ten. Cel. Trajano Cesar Burlamaqui, que em 1840 noticiava através do Diário de Pernambuco, a fuga de uma escrava, e oferecia a gratificação de 50\$000 réis a quem a capturasse.

O famoso jornalista piauiense, cego, Tibério Cesar Burlamaqui, de “O Echo Liberal”, mencionado no romance “Né de Souza” da autoria de José Expedito Rego, era seu avô paterno.

Em Mossoró chegou em 1904, e o engajamento da sua poesia em prol do progresso da cidade, quiçá teve exemplo em Jerônimo Rosado e outros, não mossoroenses, que deram sua existência, em luta constante, pelo desenvolvimento da terra que adotaram como sua.

Usou pseudônimos. Maurício D’Herval assinará, quase sempre os alexandrinos sérios; as vezes usará o próprio nome, mas será através do Novais que fará por longos 28 anos, a crônica da cidade, aqui e acolá complementada por Genuino ou Genuino da Silva.

Era de natureza humilde, o que transparece dos versos que endereçou a João da Escóssia Nogueira, definindo o valor da sua produção poética:

*“Feitas a ermo
Que não sei mesmo
Como foi tal;
Que até parecem
Que não merecem
O teu Jornal
.....
Não sou culpado
De desastrado
Ser sempre assim
A culpa é tua
Que as pões na rua
Por gosto a mim”*

(O Mossoroense, 18.04.1908)

A seção do Rimando foi a trincheira do Novais. Em versos simples que seguiam rápido comentário ao fato que

merecia registro, Tibério elogiava ou fazia críticas construtivas. Era vigilante dos costumes e dos atos governamentais, não tendo sido, porém, um satírico cruel, e se alguma vez cerrou o cenho foi mais admoestação severa, abrandada pela forma poética, que verrina contundente e fora de tom. Assim definiu o RIMANDO:

*“Esta seção do Rimando
É minha e de ninguém mais
As vezes sai incensando
Outras cortando os mortais
.....
Com certeza muita gente
Corta a pele do Novais
Mas ele se faz demente
E corta a casaca dos mais”*

Através do olhar do Novais, Tibério, estava atento para aqueles que foram por muito tempo os problemas cruciais de Mossoró: as secas, as obras para combatê-las, as crises do comércio local, construção de estradas, aspectos culturais, tudo mereceu sua atenção, a tudo dirigiu seu estro poético. A vastidão de sua produção literária obriga-nos apenas a amostrar neste

trabalho sua contribuição, o que será também uma forma de destacar alguns aspectos históricos de Mossoró ao tempo do poeta.

II

Durante o período em que viveu em Mossoró, de 1904 a 1932, ano do seu falecimento, Tibério testemunhou cinco grandes secas, sem contar vários anos de fraco inverno.

Em meados desse período, a população d cidade aproximava-se dos 16.000 habitantes, acrescida espetacularmente, em tempo de seca, pela horda esfaimada que, do sertão, vinha em busca de socorro. Em 1877 tão grande fora o êxodo que a cidade abrigara, sem as devidas condições, aproximadamente 25.000 pessoas “cuja única ocupação era terem fome e morrerem de miséria ou de peste e a tudo se expondo para receber um litro de farinha”. Morriam por dia, de 30 a 40 pessoas, como registram os irmãos Guerra, Felipe e Teófilo.

Tal monstruosa hecatombe ficou marcada na memória nordestina, aumentando a preocupação com os sinais e os augúrios de ano ruim ou ano bom. Nessa encruzilhada estivemos

sempre: ou chuva ou esmola governamental. Genuino expressou a revolta de Tibério, por essa situação sempre repetida:

*“Quando a chuva nos falta no Sertão
E o sol abraçador nos desanima,
O céu nos escarnece lá em cima,
Cá em baixo o Governo da união...”*

(O Mossoroense, 05.04.1908)

A construção de açudes, a perenização dos rios e perfuração de poços, eram as soluções que se buscavam realizar.

Assim é que em número de 16 de abril de 1908, O Mossoroense defendia enfático a construção do açude do Saco. Dizia aquele semanário que *“o açude do Saco, além do fornecimento d’água para diversos usos, produzirá os terrenos alagados para plantações...”* Era promessa do governo, a sua construção.

Na verdade devia ser reconstrução, pois Vingt-un Rosado registra a construção entre 1888 e 1889.

Embora o grande sonho de Jerônimo Rosado fosse a construção do açude do tabuleiro Grande, não podia Mossoró dispensar os benefícios trazidos pelo açude em questão.

As coisas, porém, não andavam com a devida velocidade, e aí surgia a crítica do Novais:

*“Segundo reza a doutrina
Que me ensinou minha avó
Quando o tempo é de invernada
E é mui grande a trovoada
A chuva é fraca, neblina
Vai-se em vento, vira pó*

*Assim foi que sucedeu
Com o açude do sacco
Que o governo prometeu
Ao povo que tem o fraco
De acreditar em judeu*

Não eu ... Novais”

Os serviços foram iniciados, mas incrédulo, duvidava o Novais da qualidade da construção e dizia:

*“Eu sou como São Tomé
Sou vacilante na fé
Sem ver de perto não creio
Se a barragem que se faz
É mesmo forte e capaz
De agüentar um rio cheio”*

Ocorre que estava em ação a determinação de Jerônimo Rosado, ajudado por Guilherme Brown, um desses engenheiros de que se cercava para fazer o progresso da cidade.

Toda a história dessa luta desigual dos mossoroenses para garantir água para a comunidade é memorável. Conta-a Vingt-un Rosado em separata do Boletim Bibliográfico nº 95/100 de 1956, incorporada por Câmara Cascudo ao seu excelente “Jerônimo Rosado – uma ação na província”. Em certo trecho, o autor cita Tibério, através do Rimando, referindo-se à teimosia de Jerônimo Rosado, quando se tratava da solução dos problemas locais:

“O Farmacêutico Jerônimo Rosado tanto esforço teve empregado perante os poderes públicos, a fim de obter mais três barragens para o nosso rio, que o Ministro já mandou orçá-las e estão quase em via de construção.

*O Rosado quando quer
Embora mude de cor
É pior do que mulher
Que tem caprichos de amor
E tendo ao lado Engenheiro
Como o Ciarlini atual,
Todo o trabalho é ligeiro
Bem empregado o dinheiro
O benefício é real”*
(O Mossoroense, 13.03.1918)

E teve êxito “seu” Rosado nessa empreitada, embora inexorável, o ciclo das secas repita-se sempre, não bastando o conhecimento científico de suas causas, nem os discursos grandiloqüentes dos políticos, para possibilitar uma modificação substancial e satisfatória no estado de penúria do Nordeste seco.

III

Apesar desses inevitáveis problemas ligados a falta de água e suas conseqüências, registrou a cidade, como citado anteriormente, fulgurante período de desenvolvimento comercial no início deste século, tornando-se Mossoró, em empório de extensas região. As firmas que se destacavam eram: Tertuliano Fernandes & Cia; Miguel Faustino do Monte; Camilo Figueiredo & Cia; Pombo e Cantidio; S. Gurgel & Cia e outras mais. A principal via de abastecimento era a vizinha cidade de Aracati, cuja distância era vencida pelos carros de boi e pelos comboios, ou tropas de burros, que se aventuravam através das péssimas estradas existentes à época.

A conflagração de 1914 viria, através da diminuição das exportações, trazer dificuldades ao comércio mosoroense. As firmas citadas seriam as primeiras a sentir os efeitos da guerra na Europa. A melhoria das rodovias, as ferrovias, o primado do caminhão e a desenvolvimento do comércio da praça de Campina Grande, na Paraíba, vieram, no período que vai de 1924 a 1927, piorar a situação, causando o que Jorge Freire chamou de “debacle” do comércio de Mossoró.

Fortunas ruíram e reinou dissensões entre os comerciantes da cidade. Os ecos desse período ressoam também nos versos do Novais, que por várias vezes reclamava da falta de unidade entre os comerciantes locais para enfrentar a crise.

Assim é que desacredita quando se noticia uma espécie de convênio entre os comerciantes e diz:

*“Pode o mar secar de todo,
Pode o astro-rei cair,
Mas o comércio se unir
É incrível
É coisa mesmo impossível,
(reflete o homem sensato)
Pois não se une o feio rato
Com o bichano...”*

E tinha razão, pois no número seguinte de “O Mossoroense” publicava no seu canto:

“Não podia deixar de baquear, como já aconteceu, a singular idéia de criação de um convênio comercial neste velho Mossoró. São três os motivos para a sua não

organização:1º - porque não há união entre alguns comerciantes, 2º - porque estes adotam o célebre axioma de Floriano – confiar desconfiando, 3º - porque...porque...cala-te boca.

Há motivos poderosos

Para não se organizar

Um convênio nesta terra;

Diz Zé povo a gargalhar”.

É bom destacar, porém, que a atividade comercial na cidade, já contava, desde 1911, com uma associação comercial – a Sociedade União Caixeiral que congregava comerciantes, intelectuais da cidade e caixeiros viajantes. Francisco Isódio de Souza, havia sido um dos seus fundadores. Em 1920, ao completar nove anos, a Sociedade lançou uma edição comemorativa da revista Polyanthéa. Vários membros da sociedade colaboraram naquele número especial, dentre eles, Tibério, inicialmente através do Novais e depois, mais sério, assinando o próprio nome. Dizia o Novais:

VOU ENTRANDO

*Se me dão licença eu entro
Se não me dão, vou entrando
Sou velho amigo, e sou brando
Sou repórter d'um jornal;
Agora, já que estou dentro,
Com franqueza e liberdade
Felicito a mocidade
Da – União Caixeiral*

.....

Seguem mais cinco estrofes do Novais. Mais adiante, na parte poética, é a vez do soneto de Tibério.

AVANTE

Aos moços da “União Caixeiral”

*Trabalhar é dever de todo pobre
Que tem aspiração de ser alguém,
Estudar é querer ir mais além,
E um futuro buscar mais belo e nobre.*

*Que a “União Caixeiral” nunca sossobre
Em mar tempestuoso, num vae-vem,
Desejo com justiça pelo bem
Que faz, e sempre fez, sem que se dobre.*

*Basta que propalem para exemplo
Que faz do seu salão augusto templo
Onde vão se elevar pelo saber;*

*Basta que cada sócio agradecido
Procure com amor, mais instruído
Cumprir de coração o seu dever.*

Com respeito as rodovias, eram conhecedores, os mossoroenses, de sua grande importância para melhorar a situação do antigo empório da região. Já em 1914, Francisco Vicente da Cunha Mota, presidente da Intendência, amante e entusiasta do automobilismo, fizera ingentes esforços colaborando na construção da estrada Mossoró – Limoeiro, inaugurada a 4 de setembro de 1916.

A estrada de ferro, que deveria ligar Porto Franco às margens do São Francisco, cuja concessão fora dada, no século passado, ao comerciante suíço João Ulric Graf, só então tem seu trecho Porto Franco – Mossoró, inaugurado. Prosseguia-se, agora, a luta para levar o trem até Governador Dix-sept Rosado, e posteriormente a Caraúbas. Treze anos depois, porem, a maria-fumaça ainda não chegava àquela cidade, embora o “O Mossoroense” noticie a 30 de dezembro de 1928, a chegada, às proximidades de Caraúbas, do primeiro lastro do prolongamento da estrada de ferro de Mossoró. Foram visitar os serviços, os senhores Cel. Saboia Filho, Jerônimo Rosado, Vicente de Almeida, Hemetério Fernandes, João de Oliveira Costa, José M. de Vasconcelos, Dix-huit Rosado, Sebastião Gurgel e outros.

O problema não era de incompetência dos homens bons da cidade, mas da dificuldade na obtenção de verbas para o serviço. O “O Mossoroense” publicou a 01 de janeiro de 1928 um telegrama do deputado Rafael Fernandes, a propósito de outro enviado pelo Major Luis Colombo Ferreira Pinto, que demonstra não estarem parados os próceres mossoroenses:

*“Acusamos recepção vosso telegrama informo
continuum demarches sentido ser assegurada construção*

trecho até Caraúbas o que está parecendo muito provável neste particular. Saliento esforço interesses manifestados nossos prezados amigos Lamartine, Vicente Saboia aos quais muito ficaremos devendo. Cordiais abraços.”

O Novais não se conformava e metia o bedelho de poeta na conversa, impaciente pela demora do benefício prometido:

*“Sonhei, sonhas-te, sonhamos
Que o povo daqui iria
Brevemente, oh que alegria!
A caraúbas n’um trem;
E esperança tão querida
Como fumaça no vento
Se dissipou n’um momento
Não fui lá, não foi ninguém”*

Depois conclamava a população para gritar por socorro e ver o sonho concretizado:

*“Mas seja choro tão grande
Que o chefe Washington Luis,
Nos considere infeliz,
Muito mais do que já somos,
De comover pedra e monte
E o coração do mais duro
Pelo progresso futuro
Da estrada com que sonhamos”*
(O Mossoroense, 19.02.1928)

Há também, por essa época, uma reivindicação ao Presidente Juvenal Lamartine, publicada no “O Mossoroense” de 23 de setembro de 1928, referente à construção de autoestradas:

“Realizadas as auto-estradas projetadas a nossa Mossoró resgatará a sua grandeza comercial graças a vontade sadia de seu povo trabalhador que angustiado por uma terrível crise econômica, não abandona o campo da luta...”

Toda essa preocupação com o estabelecimento de vias de comunicação, principalmente a via férrea, tinha por objetivo drenar o algodão e o couro para o comércio mossoroense, e assegurar o escoamento do sal para os sertões da região.

O grande sonho de estender a linha de ferro até o São Francisco, chegou aos 280 km, atingindo a cidade de Souza, onde se entroncou nas redes paraibanas e cearenses; mas por essa época, já Mossoró perdera sua hegemonia regional.

IV

Culturalmente a cidade manteve-se sempre animada; o Clube Dramático Familiar, as charangas, a atividade literária, poesia e prosa nos jornais, e de tudo participava Tibério.

O Clube Drâmático, ao tempo de sua chegada a Mossoró, estava na sua segunda fase, que para Raimundo Nonato foi a mais florescente. O clube sobreviveria até 1911.

Nas listas de sócios apresentadas por aquele autor no seu livro “Aspectos do Teatro em Mossoró”, não consta o nome do

poeta, mas é provável que em algum momento se associasse. Estivera ligado à Arcádia Lítero-Cívica de Mossoró, e durante o período em que vivera em Areia Branca, além de já colaborar com o “O Mossoroense”, enviando com frequência suas poesias, em 29 de agosto de 1903, aquele jornal noticia que o Clube Dramático de Areia Branca elegera sua primeira diretoria, tendo como presidente João Silvério Delfino, e contando com Tibério como 2º secretário. A primeira representação teatral do Clube foi da peça, *O Gênio Galé ou o Filho do Marinheiro*, e o poeta participou “no papel de Jacques de Ataíde”.

Novais denunciava, em 1907, seu interesse por essas atividades culturais, quando o Clube Dramático contratou o artista Avelino Gonçalves para apresentações na cidade, assim se pronunciou:

“O grupo dramático sob a direção do simpático e distinto ator Avelino Gonçalves, tem deleitado o povo desta futura cidade com um variadíssimo repertório de dramas, comédias e canções.”

*E eu que sou doido varrido por estas coisas tenho
despendido uma fortuna colossal com os tais bilhetes de
ingresso. Mas, antes um gosto do que cem mil reis.*

Aos artistas primorosos

As nossas palmas levemos...

As florizinhas mais fragrantas

Em todos eles joguemos..."

Em setembro daquele ano, o Clube Dramático voltaria a abrir suas portas, desta vez para a festa de comemoração do trinta de setembro. Dizia o Novais:

“O clube dramático desta cidade, fará hoje uma festinha de estrondo em comemoração a gloriosa data de 30 de setembro. Além do sensacional e aplaudido drama teremos cânticos e apoteose. Afirma Zépovinho que o salão do clube é insuficiente para comportar os espectadores.

Macacos me lambam se eu não comparecer. Já mandei passar uma prolongada fricção de chá preto em minha veterana casaca. Está um primor. Palavra de honra.

*Grande festão vai haver
Em nosso clube à noitinha...
Quantas palmas há de ter
O povo da panelinha!*

Difícil saber se além dos festejos no clube, o Zépovinho tivera a oportunidade de comemorar o “30 de Setembro” nas ruas, como se tem feito ao longo dos anos. Teriam participado da comemoração as famosas bandas de música mossoroense?

Por essa época, abrilhantavam os festejos da comunidade as bandas “Fenix”, do maestro Alpiniano de Albuquerque e a “Charanga” do mestre Canuto Alves Bezerra. Entre 1900 e 1912, competiram em brilhantismo para a vida social e artística da terra. Havia rivalidade entre elas, existindo mesmo torcedores exaltados de ambas as facções. Conta Raimundo Nonato que de uma feita, durante uma serenata, um músico amassou o bombardino na cabeça de um desafeto, defensor da outra banda.

Era questão de honra, naqueles tempos idos, possuir cada localidade, a sua banda de música, e mesmo pequenos lugarejos, não podiam prescindir de um conjunto musical. Tibério registra

o feito notável da vizinha cidade de Areia Branca, da qual fora presidente da Intendência (1899-1901), possuir sua banda. Diz o Novais:

“Acaso já estão informados os amáveis leitores de dois notáveis acontecimentos. Pois eu lhes conto: - Devido a grande força de vontade do Cel. Liberalino, vai ter Areia Branca uma banda de música, sob a competente direção do Sr. Pereira (e não podia deixar de ser assim uma vez que o nome do homem acaba em ino)...E rimava:

*Na vila de Areia Branca
Uma banda surgirá...
De graça um belo costume
No clube o freguês terá”*

O outro notável acontecimento referia-se a organização, na cidade, do que chamava “um clube de roupas feitas”, que prometia muitas vantagens aos associados.

Aos mestres da terra dedicou Tibério, com a assinatura de Genuino da Silva, consciente, talvez, da arrelia que havia entre os grupos musicais, o seguinte soneto:

Ré, Lá, Si, Dó

Aos Mestres da Terra

*O maestro querido hoje em dia
Que não queira passar por coió,
Que na ponta quiser estar só,
Deve estudos fazer de harmonia...*

*N'outros tempos assim procedia
Cá na Santa terrinha do Pó,
Um maestro sem notas em dó
Lá, ré em constante arrelia!*

*É por isso que digo, não zombo
Sou correia da baia mimosa
No compasso das notas sem bombo!
Quero, pois numa valsa dengosa
Ver qual vence, sem bulha, sem tombo
Sem dar notas de – si – de rixosa.*

Das atividades artísticas, Tibério restringiu-se a poesia, não constando tenha incursionado por outro gênero literário. O hino do Palmeiras, *team* de futebol do bairro Paredões, fundado em 1920, por ele juntamente com Miguel Joaquim de Souza, Raimundo Nonato da Silva, Major Higino, José Joaquim e outros, possuía letra de sua autoria, mas a música era de Artur Paraguai. O livro, *Futebol da Gente*, destaca alguns versos:

*Em Mossoró brilha ditoso,
Unido sempre, sempre ufano,
Nosso Palmeiras valoroso,
Querido clube suburbano...*

O último verso era:

*Nosso pavilhão que o Nordeste agita
É o coração que em nós palpita!
E nos fortalece em qualquer peleja
É por isso que, em prece, nossa alma adeja.*

Os times existentes naquele ano de 1920 eram: Humaitá, Ipiranga, Centro Esportivo Mossoroense, Palmeiras Futebol

Clube e Santa Cruz Futebol Clube. No ano seguinte disputariam o primeiro campeonato oficial da cidade.

Embora com o corpo preso a uma cadeira de rodas, o espírito alegre de Tibério contribuiu também para o embelezamento dos festejos momescos. Com o pseudônimo de Genuino da Silva, assina em 1908, um soneto intitulado “Pelo Carnaval”, que começa dizendo:

*Ó musa da tristeza e da saudade,
Exulta de alegria e de prazer
Tres dias de ventura vamos ter
Num louco carnaval pela cidade*

(O Mossoroense, 29.02.1908)

Muito depois, em 1929, “O Mossoroense”, num número de domingo de carnaval publicava a seguinte nota, que demonstra a continuidade da participação do poeta no carnaval mossoroense.

O BLOCO DOS “CAMISAS PRETAS”

Intrépidos foliões mossoroenses, no intuito de darem maior solenidade possível ao carnaval deste ano, em nosso meio, reorganizaram o tradicional conjunto dos Camisas Pretas, o qual se exhibirá durante os três dias gordos, se associando aos corsos de automóveis e as soarées à fantasias.

Contando com elementos de real valor social de nosso meio, é de se esperar o grande êxito que certamente alcançará o destemido bloco dos “Camisas Pretas”.

Durante os corsos de automóveis, este bloco cantará a sua marcha infra, cuja letra é de autoria do nosso companheiro Tibério Burlamaqui:

*Camisa Preta chegou
Teve logo a primazia
Somos mal com a tristeza
Só queremos alegria*

Estrilho:

A maré encheu

A maré vasou,

Na enchente da maré

Camisa Preta chegou

(Bis)

A marcha seguia citando a cada estrofe, o nome dos componentes do bloco. São citados: Messias Soares, Lauro Escossia, Manuel Luz, Julio Maciel, o farmacêutico Edgard Medeiros, Escossinha, Ottoni Soares e Raimundo Luz, e terminava:

E os outros todos em coro,

Fazendo mil piruetas:

Viver é rir e folgar,

Como nós – Camisas Pretas.

Alem dos Camisas Pretas participaram também do carnaval daquele ano, os Aviadores, o Bloco Branco e os Camisas Encarnada (dirigido por Raimundo Jovino de Oliveira).

O curso seguia pela rua Cel. Vicente Saboia, Praça Rodolfo Fernandes, Rua Cel. Gurgel, Praça da Independência e da Matriz.

V

Os temas ligados aos problemas do desenvolvimento local e culturais cediam por vez, o lugar para rápidos flashes sobre o que ocorria na cidade, como se cronista social fosse o Novais. Noticia sempre no Rimando, aniversários, nascimentos, chegada de alguém de suas relações, etc.

Tratava também de assuntos mais prosaicos, como o apedrejamento de que fora vítima o velho Targino, vulgo coreto, vítima da insânia de alguns fedelhos.

Prova ser um desumano

Que não ouve mãe nem pai

Quem maltrata um veterano

Da guerra do Paraguai.

(O Mossoroense, 28.11.1908)

A decisão do intendente Jerônimo Rosado de proibir a permanência de porcos nas ruas da cidade, mereceu registro do Novais:

Fala-se, a boca pequena, que o intendente Rosado, encarregado da higiene municipal, cogita de sérias medidas no sentido de extinguir a permanência de porcos (falando com pouco ensino), nas ruas, o que além de ser uma porcaria, é uma verdadeira porqueira.

A medida parecerá odiosa, porem o homem é da higiene e está no seu direito.

Demais, o degas não cria porcos, porque se assim fosse, diria como o finado João Congo: larga o porco Rosado.

*Como outrora na cidade,
Pelas calçadas fossando,
De quatro pés, nem um porco
Nas ruas se vê passando.*

(O Mossoroense, 21.01.1908)

No número 146 de “O Mossoroense”, fala-se dos loucos da cidade. São naquele ano de 1907, Manuel Luiz, José Tatú e Pedro Doido. O primeiro já teria alarmado a cidade, tendo sido preciso o auxílio policial para conte-lo. A preocupação do jornal era que;

(...) de uma hora para a outra poderão se tornar furiosos, acusados pelos insultos da vagabundagem, ou mediante um pouco de aguardente, o que se costuma fazer em qualquer botequim, como simples diversão.

Tibério, sempre atento a tudo, aproveitava a deixa para, com verve, atingir outros que em sua opinião, entre aqueles deveriam ser arrolados, e diz, sob a assinatura do Genuino da Silva;

OS DOIDOS

*Hoje ser doido já parece ofício,
E aqui nós temos para toda a obra,
Doidos de pedra, muitos já de sobra,*

Alguns valentes que é um precipício.

*Conheço eu muitos dando mau indício
Calado, triste, em pertinaz manobra
Doidos que a gente só por vê-los dobra
Ligeiro a esquina, por não ter-se hospício*

*Antigamente por qualquer doidice
Que cometesse um desgraçado um dia,
Ninguém diria como alguém me disse:*

*- É menos doido, de razão sombria,
Que certos doidos a fazer tolice,
Nossos, bem nossos, desta freguesia...*

VI

A poesia de Tibério, que sob o pseudônimo de Maurício d'Herval cantava o amor, e com singeleza enaltecia o eterno femenino, por vezes, sob a roupagem do Novais, surgia como

elogio e apoio as iniciativas, tão ao sabor mossoroense do pionerismo. Foi assim com Dona Celina Viana, que por força da Lei nº 660 de 25 de outubro de 1927, tornou-se a primeira eleitora brasileira. Celina, compreendendo a importância do passo que dera, tentou ampliar a lei estadual para todo o país, como se vê em telegrama que passou ao presidente da Mesa do Senado Federal, em 1927. Diz o telegrama:

Na qualidade primeira eleitora brasileira cujos direitos vem conferir-me lei riograndense norte sancionada benemérito Presidente José Augusto, graças inspiração patriotismo alta cultura cívica Senador Juvenal Lamartine, permita respeitável Mesa Senado Federal peça nome mulher brasileira, seja aprovado projeto institui voto feminino amparando seus direitos partidos reconhecidos Constituição Federal. Saudações, Celina Viana, professora Escola Normal Mossoró (O Mossoroense, 04.12.1927)

Quanto ao Novais, aí vai o registro:

Dona Celina Viana
Professora normalista
No Rio Grande conquista
Primeiro lugar muito ufana
No alistamento, que magana!
Eleitora progressista,
Na vanguarda feminista
Fez figura soberana
.....

(O Mossoroense, 11.12.1927)

Em outras oportunidades, Tibério demonstraria sua mente aberta para com o avanço feminista, em matéria de moda e gosto.

Quando em 1928 aparceram, ao que suponho, as primeiras mini-saias, em Mossoró, o poeta assinou de próprio punho a sua aprovação, talvez de forma um pouco saliente para a época;

VIVA A MODA!

Para uma senhorinha

*A vez primeira em que ti vi mais bela
Num vestido bem curto, em plena rua,
Disse comigo vendo a audácia tua:
- Que escândalo, meu Deus! Que moda aquela!*

*E a moda prosperou, e eu gosto d'ela,
Eis a verdade toda inteira e nua;
É meu desejo que ela dure e influa,
Porque bom gosto sempre nos revela.*

*Moralistas porem, fazendo alarde
Contra a moda atual ousam falar,
Mas é tempo perdido, agora é tarde*

*O vestido comprido já não volta,
E absurdo será se ele voltar
Sem protesto geral, grande revolta.
(O Mossoroense, 07.10.1928)*

Mas também avançam as mulheres, no campo da literatura e uma das investidas intelectuais femininas, em 1929, traduziu-se no *Jornal das Moças*, publicado em espaço concedido pelo “O Mossoroense”. A direção estava a cargo de Ildérica Silva, Maria Silvia e Maria Escossilda.

Novais do seu canto acolheu a novidade com alegria, como dizia nos seguintes versos;

Cousa engraçada

E original

“Jornal das Moças”

Neste Jornal!

Fiquei alegre

Me fez surpresa

Que boa idéia

Que gentileza

E dizia mais:

Deste meu canto

Porque negar?

Lendo-o e relendo-o

Fico a sonhar

Em cousas belas

Sentimentais

Canções de noivos

E madriguais.

(O Mossoroense, 31.03.1929)

O jornal durou até setembro do citado ano, passando-se a observar a partir de então, apenas a contribuição individual e esparsa das redatoras.

Do segundo número do “Jornal das Moças”, um destaque para a descrição curiosa do que deveria ter uma Miss Mossoró, naquela época:

O olhar expressivo de Maria Jozelia, o encantador riso de Nysia Albuquerque, a simpatia de Maria Silvia, a meiguice de Ivete Nogueira, a graça de Sabina Pinheiro, as mãos fidalgas de Juracy Filgueira, a cor de Dolores Rebouças, o nariz de Zilda Santos, o tipo de Joanita Luz, a cabeleira de Maria Salem, a dentadura de Margarida Negreiros, o pisar elegante de Maria Escossilda, a

dança de Dolora Couto, a voz maviosa de Maria Escossilda, a boca de Mimosa Almeida e a inteligência de Ditinha Filgueira.

VII

A partir desse período, Novais muda um pouco o caráter da sua poesia, e dá um tom mais político à sua coluna poética. Ligado como sempre foi ao “O Mossoroense”, Tibério segue a mesma cor política do semanário, que claramente se manifesta como seguindo a orientação do deputado Raphael Fernandes.

Em 29 de dezembro de 1929, saúda o deputado que chegava do Rio de Janeiro:

*Doutor Raphael Fernandes
Que é dos pequenos e grandes
Um amigo dedicado
Conforme avisou no fio
Chega amanhã lá do Rio
É com prazer esperado
Eu que sou parte do povo*

*Preparei meu terno novo
Vou esperá-lo também
Caia chuva ou haja sol
Contente formo no rol
Daqueles que o querem bem.*

Na campanha presidencial, para a sucessão de Washington Luis, o “O Mossoroense” fazia aberta propaganda de Julio Prestes e Vital Soares, e o Rimando de Novais envolveu-se na campanha contra Getúlio Vargas:

*Esta furada a canoa
Da Aliança Liberal,
E o Vargas mais o Pessoa
Pedem socorro na proa
Vendo que o rombo é fatal*

De fato ganhariam os candidatos governistas, mas não chegariam a tomar posse, pois a 3 de outubro de 1930, estalaria o movimento revolucionário que derrubando o Presidente Washington Luis, entregaria o cargo máximo da nação ao candidato derrotado na eleição.

No início dos anos trinta, começa a rarear a contribuição do Novais, até que a 14 de fevereiro, encontro o que parece ter sido o seu último Rimando. Preocupa-se o poeta, já bastante adoentado, com a saúde do chefe da velha folha mossoroense, Augusto da Escossia;

*Que grande tristeza eu sinto
E sou sincero não minto,
Escossinha está doente
Saudade geral se sente
Sem vê-lo neste recinto
Escossinha está doente
Que grande tristeza eu sinto*

*O Lauro se mortifica
Para nos dar o jornal
Por ser ele semanal
O Lauro se mortifica
E seu esforço se explica!
É bom irmão, é leal,
O Lauro se mortifica
Para nos dar o jornal*

(O Mossoroense, 14.02.1932)

Depois desta última rima, já não deve ter encontrado forças para manter a sua seção, pois não festejou com a cidade, a notícia alvissareira de que o interventor Cascardo conseguira, com o Ministro José Américo, a verba necessária à continuação da Estrada de Ferro; nem condoído versejou a notícia da invasão, por mais de 300 flagelados, ao Mercado Público Municipal, em 27 de março de 1932. Estava encerrada a seção do Rimando, não havendo substituto para o Novais, como ele mesmo bem compreenderá quando disse:

*Esta seção do Rimando
É minha e de ninguém mais*

.....

.....

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRITO, R.S. de. Legislação e Executivo de Mossoró numa viagem mais que centenária, Col. Mossoroense, Vol. CCLXXVII, 1985

CASCUDO, L. da C. Jerônimo Rosado – uma ação na província, Reedição fac-similar, Col. Mossoroense, Série C, Vol. DCLXXX, 1991

ESCOSSIA, L. et al. O Futebol da Gente, Col. Mossoroense, Vol. CCXLVIII, 1982

FELIPE, J.L.A. Organização do Espaço Urbano de Mossoró, Col. Mossoroense, Série C, Vol. CCXXVI, 1982

GUERRA, F. & GUERRA, T. Seccas contra as seccas. Col. Mossoroense, Vol. 29

NONATO, R. Aspectos do Teatro em Mossoró, Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1967.

REGO, J.E. Né de Souza. Biografia Romanceada do Visconde da Parnaíba, Fortaleza – Ceará, 1981.

ROSADO, Vingt-un. Miscelânea Mossoroense, Col. Mossoroense, Série C, Vol. DCLXVI, 1991.

WANDERLEY, W. Gente da Gente – Memorial – Editora Pongetti, Rio de Janeiro, Coleção Mossoroense, Vol. XXVI – Série C, 1973.

_____ Mossoró na poesia de Cosme Lemos, Coleção Mossoroense, Vol. CDLXXXI, , 167p. 1989